



A SOCIEDADE HIPERMODERNA EM O RETRATO DE DORIAN GRAY

Adriane Viola BACARIN¹

Acir Dias da SILVA²

RESUMO: Este artigo possui o propósito de refletir sobre a sociedade hipermoderna e a entrada do hiperconsumo, com as devidas consequências dos excessos. Nesta proposta, a analogia da vida de Dorian Gray aqui funciona como potencial alegórico do tema, fazendo relação direta e indireta com o trabalho desenvolvido por diversos autores. Assim, este artigo pretende servir de referência para mais um viés do pensar sobre os ganhos e as perdas da hipermodernidade, dos paradoxos que a busca pela felicidade sem mescla vem nos apresentar. Como fonte primária será utilizada a obra de Oscar Wilde, intitulada “O retrato de Dorian Gray” (2020) que dará base de referência interpretativa do relato da ficção com as realidades atuais e de modo secundário, serão utilizadas as obras “Modernidade Líquida” (2001) de Zygmunt Bauman, “Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade” (1997) de Néstor García Canclini, “Sociedade Excitada: filosofia da sensação” (2010) de Christoph Türcke e outras obras. O referencial teórico-metodológico por meio de bibliografias da filosofia, sociologia e da história servem de parâmetro para a análise, promovendo um diálogo frutífero entre o romance fictício e as interpretações filosóficas-sociológicas. Dorian Gray pode ser referido como símbolo da sociedade excitada pelo consumo, pelas aparências, em detrimento da própria alma, dos valores da alma, os quais são atemporais e estão muito além das aparências sociais.

Palavras-chave: hipermodernidade; Dorian Gray; hiperconsumo; perder a alma.

1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de trazer a alegoria do tema ora explanado, a história fictícia escrita por Oscar Wilde no século XIX, “O retrato de Dorian Gray” (2020), scandalizou a sociedade tradicionalista da era Vitoriana por expor os abusos da estética, os excessos da vida hedonista e sem grandes propósitos. Em que pese tais contribuições já no período de lançamento, a obra ainda traz muitas reflexões se for colocada em

¹ Mestranda Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras (PPGL) área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste *Campus de Cascavel*.

² Pós-Doutor com pesquisa em memória e documentário (2011) - UNICAMP, doutorado em Educação, Conhecimento, Linguagem e artes pela UNICAMP com doutorado sanduiche pela Università Ca' Foscari - (2003), Mestrado em Educação, Conhecimento, Linguagem e artes pela UNICAMP (1999). Atualmente é professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE.



contraponto com os tempos hipermodernos, os tempos dos relacionamentos líquidos, da busca pelo “preenchimento” do vazio da alma, pelo hiperconsumo de bens e serviços, que persistem e se avolumam na atualidade. O dramaturgo Oscar Wilde se tornou muito popular na Londres de 1890, sobretudo após lançar o romance de Dorian Gray e por conta de posturas que o levaram à prisão. A obra em que o pintor Basil retratou Dorian Gray, um belíssimo e rico jovem, aborda de forma sutil, o amor platônico do artista para com seu modelo, o que para este trabalho esse ponto não é relevante. O enfoque está no *modus operandi* que Gray acatou em sua própria vida.

Nesse íterim, a obra ressalta que Dorian Gray trazia inicialmente uma espécie de inocência a respeito de sua extraordinária beleza, o qual em contato com Lorde Henry Wotton, um amigo do artista Basil Hallward, tem sua alma corrompida a ponto dele apaixonar-se pela própria imagem e inquietar-se pelo quadro permanecer jovem enquanto que ele envelheceria.

Daquele momento em diante, o jovem Dorian, simbolicamente, “vende a própria alma”, ele a entrega aos prazeres e crimes mundanos, de modo que, no decorrer do romance, sua aparência permanece jovem e bela, enquanto que o quadro passa a representar a desgraça interior. Dorian permaneceria inatingível das suas próprias ações, enquanto que o quadro refletiria a corrupção da sua criminoso alma. Parecia um plano perfeito! Mas não foi.

Em busca dos prazeres relativos à época, Dorian reproduz a atual sociedade hipermoderna, uma sociedade constantemente estimulada e em busca de sensações sempre insuficientes. Os tempos hipermodernos, como nos diz Cruz (2015) estão em constantes mudanças o que anda em descompasso entre o que se quer e o que se possui. Numa sociedade excitada e hiperestimulada associa-se o prazer com as novidades, tantos nos produtos quanto nos serviços. O indivíduo anseia, mas nem sabe dizer pelo quê anseia e por não saber o quê procurar, cria expectativas, esgota-se e decepção-se.

Para tanto, Türcke (2010) ressalta que a mídia, em sua torrente de estímulos, contribui para uma sociedade de sensação, onde não basta propagar produtos para a venda, mas deve provocar uma irresistível interpretação de que aquele produto vai



mudar o sentir e a projeção social do indivíduo que compra. Com isso, observa-se uma alteração na percepção do indivíduo, por encontrar na mídia um mundo mágico, onde tudo se resolverá a partir da compra que o produto promete.

O que se tem é a efemeridade da satisfação e felicidade que as promessas midiáticas provocam nas pessoas, de modo que para sentir-se “feliz e satisfeito” precisa comprar novamente. Um mundo do descartável, que dá ao produto um significado que ele não tem poder de corresponder.

Assim, este artigo possui o propósito de refletir sobre a sociedade hipermoderna e a entrada do hiperconsumo, com as devidas consequências dos excessos. Nesta proposta, a analogia da vida de Dorian Gray aqui funciona como potencial alegórico do tema, fazendo relação direta e indireta com o trabalho desenvolvido por diversos autores. Deste modo, sem a pretensão de esgotar o tema, porém propondo referência para mais um viés do pensar sobre os ganhos e as perdas da hipermodernidade, dos paradoxos que a busca pela “felicidade sem mescla” vem nos apresentar. Dorian Gray pode ser referido como símbolo da sociedade excitada pelo consumo, pelas aparências, em detrimento da própria alma.

Como fonte primária será utilizada a obra de Oscar Wilde, intitulada “O retrato de Dorian Gray” (2020) que dará base de referência interpretativa do relato da ficção com as realidades atuais e de modo secundário, serão utilizadas as obras “Modernidade Líquida” (2001) de Zygmunt Bauman, “Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade” (1997) de Néstor García Canclini, “Sociedade Excitada: filosofia da sensação” (2010) de Christoph Türcke e outras obras. O referencial teórico-metodológico por meio de bibliografias da filosofia, sociologia e da história servem de parâmetro para a análise, promovendo um diálogo frutífero entre o romance fictício e as interpretações filosóficas-sociológicas dos valores da alma, os quais são atemporais e estão muito além das aparências sociais.

2 A BUSCA POR COISA NENHUMA



Em uma análise a respeito das culturas híbridas, Canclini (1997) aduz que a modernidade movimenta-se em constantes modificações, especialmente com a ocorrência das inclusões culturais, pela via das tecnologias e expansão do contexto urbano que acelerou o acontecimento. Segundo o autor, aos poucos as ideologias entrecruzaram-se, fazendo com que o aumento das massas provocasse o anonimato e seriação da produção, havendo modificação dos conteúdos públicos e privados. Por certo que só pelo fato do indivíduo estar inserido em uma grande cidade não é sinônimo de estar também dissolvido nessa massa e anonimato, todavia, algo notável no crescimento das cidades é a ocorrência de que com o aumento da violência e insegurança pública, o sujeito tem feito escolhas seletivas de socialização e têm se reservado em casa.

Em que pese o afastamento social, Canclini (1997) traz que o rádio, a televisão e computadores transmitem as informações e entretenimento no reduto doméstico, ocorrendo um fenômeno de mediatização das massas, um estímulo ao aumento do consumo, aumento na carga de trabalho, enquanto que nas ruas observa-se a saturação de veículos, pessoas apressadas para cumprir suas obrigações profissionais, com pouco tempo para diversão, a qual normalmente fica relacionada à condição financeira do indivíduo. Neste sentido, a cultura e os acontecimentos são norteados pela mídia, provocando uma massificação da subjetividade, de modo que as pessoas reproduzem o que se encontra nas publicidades comerciais, nas telenovelas e outras personalidades midiáticas.

Türcke (2010) corrobora com esse pensamento, acrescentando que diante da liquidez dos acontecimentos, das muitas distorções das notícias, na manipulação das massas, num investimento contínuo para que a sociedade fique conectada constantemente, sem pausa; enquanto partilha sua subjetividade no viés do espelhamento da cultura, dos modelos do outro lado da tela, negando a possibilidade de ser o que é, de ser a si mesmo o próprio modelo. Em via diversa a isso tudo, estaria o *não tempo* onde não se contabiliza o tempo como presente, passado e futuro, mas *atemporal* um tempo interior e pessoal, onde há a relativização, há a fluidez, de um tempo que não se pode segurar ou conter.



Canclini (1997) ainda observa que diante da enxurrada de informações, estímulos sensoriais, o indivíduo é arrastado para estar conectado aos anseios de produção, encontrando-se cada vez mais cansado, com episódios de insônia e a consequente ausência no aqui e agora, fazendo com que a experiência temporal seja fragmentada, onde o tempo não tem continuidade e, ao mesmo tempo, não tem começo, meio e fim.

O caminho apontado por Canclini (1997) apresenta um tempo que não cessa, que não tem pausa, que não é o *agora*, mas o depois, o futuro ou muito depois do futuro, um tempo de multi tarefas, de estar em *muitos lugares ao mesmo tempo e ao mesmo tempo* não estar em lugar algum.

Para se ter uma base mais prática desse pensamento, basta que se imagine o cumprimento das atividades cotidianas, como já ocorreu, sem o auxílio das ferramentas de comunicação: telefone, Whatsapp, e-mail, Instagram, Facebook, entre outros, o quanto isso promove um descontrole nas pessoas e o sentimento de que “não sei o que fazer”. Trata-se de uma sociedade inserida na cibercultura, onde os indivíduos criam rituais e atitudes a partir do contato que tem com o uso da tecnologia, que desde sua inserção na sociedade, ganhou espaços cada vez maiores, sobretudo nos últimos anos e com a necessidade de se executar trabalhos no contexto doméstico ou durante uma viagem, por exemplo. Os reflexos da cultura digital cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas, das famílias, das empresas, promovem ao mesmo tempo, a *participação* do indivíduo no ciberespaço (conexão com outras pessoas e grupos) e a *ausência* desse mesmo indivíduo ao local que se encontra fisicamente. Por certo que tais mudanças tecnológicas trouxeram grandes e importantes mudanças nos negócios, alavancando, em grande parte, o crescimento econômico e social dos países e de seus usuários, todavia, talvez não se saiba ainda como agregar avanços sociais, sem violentar a individualidade, privacidade, descanso, sono, atenção, presença... falar desses temas, é pagar o preço de andar na contramão da sociedade cada vez mais conectada.

Cruz (2015) a respeito da mídia e conectividade global, abarca que diante de tais inserções no contexto social, é possível obter informações de vários fenômenos



simultâneos, tanto pelas redes sociais, quanto por outras tecnologias da informação disponíveis.

Figueiredo (2015) aduz que diante da essência gregária do ser humano, este aprendeu a formar grupos e com isso formou o que chamamos de sociedade, a qual avançou seus limites familiares para os grupos maiores e à medida que a sociedade evoluía, tornou-se mais complexa, desaparecendo a homogeneidade familiar privada, dando lugar a um contexto plural e heterogêneo, sendo que a partir dos anos 80, forja-se uma cultura planetária, com o desenvolvimento da mídia e tecnologias da informação. Tais mudanças, em conjunto com crescimento do consumo, indivíduos aspirantes por caminharem independentes de tradição, de moralidade, de igrejas, partidos políticos, controlando a própria existência, dá lugar ao que passou a se chamar: hipermodernidade, termo cunhado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky.

Cruz (2015) ressalta que a sensação de estar constantemente conectado, que é característica da hipermodernidade, causa no indivíduo um sentimento de urgência, de preocupação com o futuro. Tais afirmativas, sugestionam ao indivíduo a busca pela felicidade do hoje, por rezear viver à margem, tanto dos acontecimentos quanto dos momentos importantes da vida.

Cruz (2015) em sua dissertação aduz que Gilles Lipovetsky ao trabalhar acerca da felicidade, tema tão amplamente debatido pela filosofia, apresenta uma reinterpretação a partir de suas observações da sociedade contemporânea e da sociedade de consumo, uma vez que desde o período da modernidade, o conceito de felicidade estaria atrelado ao conforto material. Salienta-se que Lipovetsky não considera a sociedade atual como pós-moderna, algo que já fez no passado, pois entende que ela seria pós se a modernidade já tivesse sido ultrapassada, que para tanto, utiliza-se do termo sociedade hipermoderna, já que os fundamentos da modernidade encontram-se em andamento.

Conforme a sociedade rumou para a emancipação, Cruz (2015) abarca que o indivíduo a vê como algo adquirido, ele vê a sua volta apenas oportunidades e escolhas, já que não possui mais um caminho claro e definido como tinha no passado. Com isso, passa a sentir dúvidas e incertezas, pois já não tem a direção social que



tinha antes, por exemplo, nos grupos da religião, da família e por estarem dissociados desses contornos sociais, passam a acreditar equivocadamente que *tudo* podem conquistar. O indivíduo assim posto, fica sujeito a se sentir decepcionado, insatisfeito, impulsionado ao consumo e à “busca da felicidade”, do “bem estar”, do “prazer”, sentindo-se confundido nas possibilidades de realizar seus desejos, comparando-se e comparando suas conquistas às conquistas alheias, projetando-lhe sentimentos de mágoa e desqualificação pessoal.

Lembra-nos Cruz (2015) que até meados do século XIX no âmbito do trabalho, o profissional, seguia uma direção, mais ou menos definida pela empresa que o empregava, bastava que obedecesse o conjunto de regras e procedimentos para que pudesse lá permanecer até sua aposentadoria, hoje, porém, ele precisa construir sua carreira, planejar seu futuro e capacitar-se para o trabalho, pois este é de sua total responsabilidade, cuja liberdade de direção e escolha, se tornou um fardo, de modo que uma demissão, por exemplo, que poderia ser encarada como um “dissabor do cotidiano”, é sentida como incompetência pessoal.

Nesta mesma toada, Cruz (2015) complementa que as empresas também têm se dedicado à manterem a motivação dos funcionários, os quais anseiam reconhecimento, prazer, realização, cada vez mais difíceis de serem conquistados, já que no campo educacional, não basta apenas a graduação que até bem pouco tempo era um diferencial.

É visto que os tempos hipermodernos, como nos diz Cruz (2015) são tempos de mudanças constantes, que propõe descompasso entre o anseio de realização e o que se possui em concreto. Essas transformações da sociedade excitada e hiperestimulada que se vê, associa o prazer com as novidades, tantos nos produtos quanto nos serviços. O indivíduo anseia, mas nem sabe dizer pelo quê anseia, e por não saber o quê procurar, cria expectativas, esgota-se e decepciona-se.

Para tanto, Türcke (2010) ressalta que a mídia, em sua torrente de estímulos, contribui para uma sociedade de sensação, onde não basta propagar produtos para a venda, mas antes, deve provocar uma irresistível interpretação de que aquele produto vai mudar o sentir, a projeção social do indivíduo que compra. Ocorre uma incrível



alteração na percepção do indivíduo, que crê haver na mídia um mundo mágico, onde tudo se resolverá a partir da compra do produto, o qual virá com a “mudança” que promete. Aduz o autor que o comercial evidencia uma “eletrização estética”, tornando-se um dos “principais centros de intercâmbio entre arte e comércio”, porque dessa forma, suas vendas aumentam consideravelmente (TÜRCKE, 2010, p. 27).

Observa-se a efemeridade da satisfação e felicidade que as promessas midiáticas provocam nas pessoas, de modo que para sentir-se “feliz e satisfeito” *precisa* comprar novamente. Vive-se num mundo do descartável, numa frequente busca pela simbolização e significação que o produto oferece, não o produto em si mesmo.

Para se compreender melhor esse ponto de vista, Bauman (2001) traz muitos conceitos bem estruturados a respeito da liquidez e efemeridade dos conteúdos sociais na modernidade, o que ele assim nomeia “Modernidade Líquida”. Para tanto, o autor abarca que a modernidade em outros tempos, era sólida e pesada, cujas atividades de trabalho humano eram reduzidos em movimentos predeterminados, simples, rotineiros, mecanicamente seguidos, onde o indivíduo não demonstrava iniciativa, espontaneidade e suas faculdades cognitivas. Com o passar dos anos, os primeiros sólidos e sagrados que sofreram mutações, foram as lealdades tradicionais, os direitos e as obrigações, levando à progressiva libertação econômica, política, ética e cultural.

Assim sendo, diz Bauman (2001) que aquela imposição de tradições de outrora, foram sendo relativizadas na nova fase da modernidade, onde o indivíduo passou a desfrutar da emancipação das exigências morais, censuras que lhe eram impostas, podendo exercer suas liberdades e o direito de escolha, todavia, passam a recair, na mesma proporção, sobre ele, a responsabilização por tais escolhas, mesmo que não perceba.

Deste modo, Bauman (2001) enriquece os conceitos elucidando que

[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais



claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas. (BAUMAN, 2001, p. 7)

Compreende-se por Bauman (2001) que foram se perdendo os pontos estáveis de orientação, os quais eram estruturados por meio de padrões, códigos e regras em que os indivíduos se conformavam em seguir, sendo que hoje, as configurações e padrões não são ofertados e não são auto evidentes, mas que podem chocarem-se entre si e se contradizerem. Encontram-se maleáveis, não mantendo a forma por muito tempo sem o emprego de vigilância e esforço constante.

Nesse íterim, Bauman (2001) ressalta que o molde quebrado, deu lugar a outro, onde as pessoas libertas, por meio de seus próprios esforços, necessitariam se realocarem em novos nichos, que resulta na migração de grupos, de fracos vínculos, na busca pelo pertencimento social, uma vez que não necessita mais “seguir ordens”, estando ativo, enquanto que antes era apenas passivo. Neste mesmo raciocínio, o consumo se operacionalizou mais fluído, onde o indivíduo busca por uma satisfação inatingível, pois o que antes o satisfazia, hoje já não satisfaz, por não corresponder mais aos seus anseios líquidos, de modo que o “sucesso” do trabalho é medido pelo poder de compra que ele oferece.

Bauman (2001) abarca que não se busca comprar os utensílios necessários, mas busca-se “comprar” felicidade, conquistas, momentos de prazer, sedução, pessoas, atenção, adequação, segurança... a história do consumismo na vida das pessoas, é o reflexo do descarte e da quebra do sólido, dando vasão à fantasia, ao prazer em detrimento da realidade, como já previa Sigmund Freud no século XIX.

Destaca-se interessante pensamento de Bauman (2001) a respeito do consumo, o qual segundo ele o retrata como um “ritual de exorcismo”, em que o



“comprar compulsivo” coloca os demônios para funcionar, onde “exercitar os demônios interiores requer uma atitude positiva e muita ação — e não a retirada e o silêncio” (BAUMAN, 2001, p. 78).

É a manifestação dos instintos materialistas ressaltando a agitação, à falta de raciocínio das reais necessidades, da exacerbação do individualismo, da angústia pelo *ter*, do *parecer* em *detrimento do ser*, pela busca do prazer sem medida, na busca pelas sensações, busca pela estética, pela vida e juventude *eterna*, busca pelo afastamento da agonia da insegurança pessoal. Para o teórico “o comprar compulsivo é também um ritual feito à luz do dia para exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites” (BAUMAN, 2001, p. 79).

3 PERDER A ALMA E GANHAR O MUNDO

A história fictícia escrita por Oscar Wilde em meados de 1890, “O retrato de Dorian Gray”, é capaz de circular entre o tradicionalismo da era Vitoriana e os tempos hipermodernos da estética, da liquidez dos amores, dos prazeres em excesso, do hedonismo e da busca pelo “preenchimento” da alma.

O contexto do romance se dá em Londres no século XIX, onde reinava a hipocrisia, a futilidade, a superficialidade e materialismo, de modo que a beleza, em todos os sentidos, era um elemento incapaz de qualquer tipo de condenação. A fealdade era rechaçada, escondida. Quando refere-se por beleza neste trabalho, não se trata apenas de estética, mas fala-se daquilo que esconde o mal cheiroso, o velho, o mau passado, o defeituoso, o desajustado, o doente ...

Traçando parâmetros com os dias atuais, o que se vê de novo? O que foi ultrapassado? O trabalho proposto pelos autores até agora debatidos, aduzem uma convergência de temas, de assuntos ainda recorrentes nos dias atuais. Deste modo, a alegoria do personagem evoca uma análise mais condizente e menos fantasiosa daquilo que se tem, em termos do “parecer ser”, do belo por fora...

Wilde (2020) descreve que Dorian Gray foi retratado num quadro pelo pintor Basil Hallward, que segundo suas descrições, era um jovem singularmente formoso,



cabelos negros, olhos azuis, extraordinariamente belo, que tamanha beleza, faz com que Basil sint-se arrebatado por ele. Tal atração, foi minimamente compartilhada com o amigo lorde Henry Wotton (Harry), presente no dia em que o pintor finaliza a obra.

Lorde Henry, fora apresentado ao jovem naquela mesma ocasião. Mais adiante, em conversação no jardim com Dorian Gray, lorde Henry ressalta sua juventude e sua beleza. Diz-lhe que “a beleza é a maravilha das maravilhas”, mas destaca que os deuses a tomariam depressa.

De maneira eloquente e convincente, lorde Henry disse para que ele não esbanjasse o “ouro dos seus dias”, ressaltando: “Não queira perder nada! Busque sempre as novas sensações! Nada receie... um novo hedonismo, eis o que pede este século” e continuando a descrever uma vida de aproveitamentos, acrescentou: “Nada há de relativo à sua personalidade que não possa realizar. O mundo é seu por algum tempo!”, “Nada há neste mundo além da juventude!” (WILDE, 2020, p. 30 e 31).

Dorian Gray, sente-se tomado e absorvido pelas coisas que ouvia. Segundo Wilde (2020) ficou “aterrado” numa “ideia obcecante”, sentindo-se “forçado a ceder” ... Ao observar o quadro finalizado, Gray vê sentido na sua própria beleza, a qual nunca a havia percebido daquela maneira. Começou a pensar (e repetir mentalmente o discurso de Henry) que chegaria o dia em que “sua face se encheria de pregas e rugas, seus olhos se encovariam sem cor e ir-se-ia a graça de toda a sua pessoa, alquebrada e deformada. [...] a vida, que lhe devesse aperfeiçoar a alma, abater-lhe-ia o corpo. Seria horrível, desfigurado, disforme...” (WILDE, 2020, p. 34).

Um ponto interessante que se destaca até aqui, é o fato de Dorian despertar seus instintos mais sombrios, os quais eram desconhecidos por ele mesmo, ao som das sugestões que ouvia naquela tarde. Após observar por longo tempo a pintura terminada, Dorian ressalta

Eu ficarei velho, aniquilado, hediondo! Esta pintura continuará sempre fresca. [...] Ah! Se fosse possível mudar os destinos e se fosse eu quem devesse conservar-me novo e se essa pintura pudesse envelhecer! Por isto eu daria tudo! ... Não há no mundo o que eu não desse... Até minha alma! (WILDE, 2020, p. 34).



A persuasão da fala de Lorde Henry toca nos pontos internos de Dorian, de modo a assimilá-lo de tal maneira que este tomou para si, todo o teor da narrativa. Daí surge a questão: esse modo de pensar já não existia adormecido no jovem Gray, sendo apenas desperto pelo interlocutor?

A obra de Wilde (2020) narra que certo dia Dorian Gray assiste uma peça de Romeu e Julieta no teatro e conhece a atriz Sibyl Vane, por quem se enamora e lhe desperta uma intensa paixão. As narrativas seguem com a expressividade de ambos haverem encontrado o “amor eterno”, a “parceria perfeita”, o “príncipe e a princesa”, todas as dores, angústias já não mais lhes afetavam. Dorian se encantara com a perfeição de seus traços, com suas interpretações, tão vivas, que ele as confundia com a própria personagem interpretada. Sibyl acreditava ser ele um Príncipe Encantador, nem mesmo seu nome lhe importava, mas já “amava-o”, confiava que o amor que sentiam um pelo outro bastava, nada mais importava.

Apesar de muitas palavras, tão bem colocadas, no fundo, Dorian acreditava que sua beleza tinha o poder sobre o mundo e as pessoas, o amor que dizia sentir por Sibyl era raso, não a amava como pessoa, mas sim os papéis que ela representava, amava as projeções que nela lançava, amava a fantasia investida dos seus personagens, seu “amor eterno” deixou de existir num estalar de dedos, de modo que ele não se importou se dela haviam sentimentos verdadeiros e sinceros.

Dorian falava em casamento com Sibyl, porque ela era seu “amor”, todavia, após uma atuação ruim, todas as projeções se desfizeram, deixando claro que ele não a amava, mas que projetava nela uma fantasia amorosa que não existia. Estava preso nas sensações que ela lhe provocava, mas que não era amor. Por traz de suas projeções, encontrava-se a mulher que ele, até então não havia conhecido, sequer visto, e esta não lhe interessava. O amor-ilusão se desfez como fumaça, como um sopro de vento...

Na ficção de Wilde (2020) é possível relacionar em muitos momentos o declínio e a corrupção que sua personalidade foi se afundando, conforme foram se desfazendo suas projeções, e a partir do momento que percebe haver gozo em seus atos – muitas vezes hediondos – e totalmente voltados ao prazer pessoal à todo custo.



Ao final do espetáculo, Dorian Gray se dirige à Sibyl Vane e a humilha cruelmente, a qual, não suportando o golpe, suicida-se. Ela também havia projetado nele grandes expectativas e por isso tamanha decepção.

Gray retorna para casa e percebe, que o retrato com sua face, havia tomado como que “vida própria”, pois que a cada pecado por ele cometido, uma mudança representativa à falta passava figurar na imagem pintada por Basil... o retrato agora tinha como função refletir o emblema de sua consciência. O retrato funcionaria como a máscara da sua vergonha! O retrato representava a verdade sobre si mesmo, escancarava suas crueldades, enquanto que a face jovem desfilava na sociedade.

Após a trágica ocorrência, inicialmente era possível perceber a ambiguidade dos pensamentos, porém, prevaleceram aqueles que lhe traziam a fruição da vida, dos seus dias, da sua juventude. Dorian não tinha bordas, não tinha um fator limitante das suas atitudes, ninguém pra lhe apontar os limites entre o bem e o mal, entre o certo e o errado... ele estava “emancipado” desses círculos restritos do “dever ser” social, não havia desenvolvido consciência de dever, de ética, de sensatez... ele não sentia remorso por fazer o que lhe dava prazer, pois era tudo o que conhecia. A morte de Sibyl Vane não lhe afetou, muito pelo contrário, continuou vivenciar a fantasia da personagem Julieta que “morre por amor” ... e ela morreu por ele! Tal atitude, só faz avolumar o narcisista nele existente. Dorian Gray passa então, a viver a vida como mero expectador, fugindo da própria vida.

Ao retirar o quadro de sua vista, simbolicamente, Dorian busca esconder a prova de sua desdita: “o que os olhos não veem, o coração não sente?” Seu segredo estaria longe dos olhos, ele afastava o objeto que representava a corrupção de sua alma. Ele não queria ver e o coração era incapaz de sentir! Ele busca conservar para sempre a aparência de “adolescente não contaminado pelo mundo”, calhando a experimentar todos os prazeres que o mundo poderia lhe oferecer. Passava os dias em atividades fúteis, sem sentido, sem nenhuma ressonância interna, além de corromper àqueles que contatava. Seu pior pesadelo era imaginar o fato de alguém ver o quadro que revelava sua real faceta. Não seria essa postura das máscaras sociais que tanto se vê na sociedade?



4 O QUE SE PERDE E O QUE SE GANHA?

Se forem feitas relações da sociedade retratada no livro com a de hoje, percebe-se espaços associados para relacionar compras, prazer, distração, bem-estar e segurança. A busca pelo conforto, pelo prazer imediato por meio de bens e serviços é uma constante na sociedade de todos os tempos. O consumo, cada vez mais eclético, transita de mão em mão, na busca dessa felicidade, dessa estética, com facilidade de crédito para consumir – sentir-se feliz por um instante e angustiar-se pela dificuldade de continuar a bancar o desejo de consumo, que se avoluma e não se sacia. A sociedade do consumo busca suprir a falta, preencher o vazio da vida sem sentido.

O imediatismo não está presente apenas no poder de compra, mas no poder de conquista de pessoas, no poder da sedução. As pessoas seduzem e se fazem seduzir por uma ilusão de consumo. Nas redes sociais os mais “seguidos” são os que demonstram vidas invejáveis, “saudáveis”, os que são belos, têm corpos torneados, com “tempo” para infindáveis procedimentos estéticos, os que viajam, desfilando suas roupas e acessórios de marcas famosas... são os adoradores dos deuses do dinheiro/riqueza e do poder... poder de persuasão, poder de compra, poder de atração... dois “irmãos” que corrompem e destroem vidas, quando enfurecidos.

Pode-se arriscar dizer que o problema está na ilusão que tais mudanças promovem, de achar que são essas diversidades de conquistas imediatas e líquidas que promovem a satisfação da alma. Se assim fosse, não teríamos grande número de insatisfeitos, grande número de pessoas diagnosticadas com transtornos mentais, transtornos de personalidade, de comportamento e o significativo aumento do auto extermínio que se vê a olhos nus. É de se supor que não é o *ter*, o *poder* e tudo o que vem deles decorrentes, que preenchem a alma. Arriscaríamos dizer que se dá o contrário, já que o *boom* de acesso aos bens e serviços resultantes do poder de compra, caminha lado a lado com o aumento de pessoas perdidas e angustiadas em si mesmas.



Note-se que a obra de Oscar Wilde (2020) traz uma outra alegoria a respeito disso. Dorian Gray, certo dia, dá-se conta que seus crimes não estavam postos na sociedade. Ele havia conseguido disfarçar-los, escondê-los... Trazia à luz do dia uma conduta aceitável, todas as acusações que podiam lhe ser desferidas, acusando-o de uma vida indigna, estavam abafadas, esquecidas, escondidas com o mais puro dos disfarces, ele encontrava-se acima de qualquer suspeita... Mas porque ele continuava inquieto? Porque tinha a sensação de que seu peito iria explodir, desejando ser alguém comum, alguém simples, longe do glamour que sua vida inteira teve aos montes? Ele foi arremetido pelo tédio da vida, cujo acontecimento alcança aqueles aos quais a vida nada recusa.

Diante da epifania de pensamentos que lhe atordoavam, dos fantasmas que lhe visitavam diuturnamente, buscou justificativas racionais para argumentar a si mesmo as razões de suas atitudes que agora lhe asfixiavam. Tudo parecia devidamente justificado. Ninguém saberia! Ninguém nunca poderia saber! Queria uma vida nova! Buscava a máscara da *bondade*, mas a angústia e a vergonha que sentia, paradoxalmente, o faziam cada vez mais, conscientizar-se da necessidade de confessar seus crimes... se fosse para começar novamente, somente seria possível confessando-se e mudando as atitudes! Seria isso mesmo ou apenas desejava sensações novas?

Percebe-se louco. Havia perdido a própria alma e só agora se deu conta disso. E então, para acabar com tudo aquilo, decidiu apunhalar o quadro de sua alma, numa tentativa de exterminar o passado e recobrar a paz. Sua personalidade tornou-se-lhe um fardo, desejava sair de si mesmo. Ninguém na Terra o acusava, somente ele mesmo, sua própria alma lhe mostrava quem ele realmente era.

5 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Emancipação; Individualidade. In: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 6-87.



CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 283-350.

CRUZ, Luiz Sérgio da. **Tempos Hipermodernos: Felicidade e consumo em Gilles Lipovetsky.** 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2015.

FIGUEIREDO, Rodrigo Ramos. **A hipermmodernidade e a expectativa de felicidade individual na sua relação com o sistema democrático e os direitos humanos na sociedade atual.** Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 20, n. 4397, 16 jul. 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/40929>. Acesso em: 4 out. 2021.

TÜRCKE, Christoph. Paradigma da Sensação. In: TÜRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação.** Tradutores: Antônio A. S. Zuin... [et al.] - Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010. p. 13-86.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray.** Tradução de João do Rio. Jandira/SP: Editora Principis, 2020.